



As Transmissões na FEB

Antônio Sérgio Geromel

Juntamente com os artigos "Caxias, Pioneiro da Telegrafia em Campanha" (ADN 758/92) e "As Comunicações na Época da Missão Francesa" (ADN 762/93), a matéria faz parte do trabalho "De Curupaiti aos Apeninos — as Origens da Arma de Comunicações do EB", elaborado com o objetivo de divulgar dados pouco ainda conhecidos sobre a origem da Arma de Rondon.

A Companhia de Transmissões da FEB

Após manter-se na neutralidade, nos primeiros anos da segunda Guerra Mundial, o Brasil acabou sendo arrastado para o conflito. Em 31 de agosto de 1942, declarou guerra à Alemanha e à Itália.

Depois de demorados entendimentos feitos, nos Estados Unidos, através da Comissão Mista de Defesa Brasil-Estados Unidos, criada por força do Acordo Militar de 23 de maio de 1942, ficou acertado que o Brasil colaboraria com o esforço de guerra dos Aliados, organizando uma força expedicionária de valor divisão.

Ficou ainda decidido que a organização das unidades da Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE) seria igual à adotada nos Estados Unidos, bem como todo o material seria de origem norte-americana. Tinha início, assim, a implantação do modelo norte-americano para o

Exército Brasileiro, em substituição ao modelo francês.

Essa transformação brusca foi um grande obstáculo enfrentado pelos organizadores da Força Expedicionária Brasileira (FEB), inclusive na área de transmissões.

O Serviço de Transmissões da FEB, chefiado pelo major Arnaldo Augusto da Mata, Comandante das Transmissões, teve, como órgão executor, a 1ª Companhia de Transmissões, integrada por 218 homens, sob o comando do Capitão Mário da Silva Miranda. Essa Companhia foi composta por um Pelotão de Comando, um Pelotão de Construção, um Pelotão de Exploração e uma Seção de Reparação e Suprimentos.

Quanto ao material de motomecanização, a 1ª Companhia de Transmissões era totalmente motorizada, dispondo de dezoito viaturas de 1/4t, treze de 3/4t, seis de 1 1/2t e dezesseis de 2/1t.

É importante salientar que o órgão de execução das transmissões da Divisão de Infantaria

era um batalhão e não uma companhia, mas o próprio Comandante das Transmissões justificou essa organização: "A experiência de guerra, na Europa, mostrou que a tropa de transmissões da DI deve ser a companhia e não o batalhão, uma vez que a organização seja de tal forma flexível que torne possível o contato direto entre o comandante das Transmissões e os oficiais comandantes de seções ou de grupos, sem que, com isso, fique prejudicada a ação administrativa e disciplinar do capitão comandante da Companhia de Transmissões, o qual, não só durante o período de instrução como também durante as operações de guerra, passa a ser um adjunto do Chefe de Serviço de Transmissões, ou seja, do Comandante das Transmissões da Grande Unidade. Assim, por exemplo: contato direto do Comandante das Transmissões com o oficial de CM (Centro de Mensagem), o oficial rádio da Divisão, o oficial T e T (de telefonia e telegrafia), o oficial de linhas etc. da DI".

Verifica-se, assim, que a doutrina vigente na época preconizava um papel de mero executor para o comandante do Batalhão de Transmissões, conforme salienta o major Adalardo Fialho, em seu livro "*O Emprego Tático do Batalhão de Transmissões*", editado no ano de 1943. Em resumo, enquanto o comandante do Batalhão (Companhia, no caso da DIE) se dedicava à vida material da unidade, o comandante das Transmissões (pertencente ao Estado-Maior divisionário) se consagrava às questões de ordem tática e de emprego do batalhão.

A Mobilização da Companhia

Coube ao 1º Batalhão Vilagran Cabrita,

sediado no Rio de Janeiro, mobilizar a subunidade de transmissões da FEB, a 1ª Companhia de Transmissões, origem do atual 1º Batalhão de Comunicações de Exército. Entretanto, os especialistas existentes acabaram não sendo suficientes.

Imensas dificuldades foram encontradas para a completa mobilização dos homens de transmissões e muitos claros acabariam não sendo preenchidos. O major Arnaldo Augusto da Mata, Comandante das Transmissões da FEB, apontou essas dificuldades:

1ª — não foi possível, apesar de todos os esforços, retirar elementos das administrações dos Correios e Telégrafos, o que realmente teria prejudicado as suas atividades normais, de vez que o número dos que elas possuíam era insuficiente para os próprios serviços em funcionamento;

2ª — não foi possível retirar elementos da "Telefônica", nem das outras poucas sociedades civis de

transmissões que prestam serviços de utilidade pública, pelo mesmo motivo citado;

3ª — não havia pessoal especializado proveniente das tropas de 2ª linha, em quantidade e qualidade suficientes;

4ª — não havia pessoal proveniente das tropas de Engenharia especializado em transmissões em tempo de paz, em quantidade e qualidade suficientes.

O major Arnaldo Augusto da Mata ainda foi, pessoalmente, a quase todas as casas de rádio, oficinas de rádio, escolas de radiotelegrafistas e radioamadores, no Rio de Janeiro, procurar elementos especializados, mas não conseguiu o número necessário para com-

Imensas dificuldades foram encontradas para a completa mobilização dos homens de transmissões e muitos claros acabariam não sendo preenchidos

pletar o efetivo da Companhia de Transmissões e dos corpos-de-tropa da DIE.

A Escola de Transmissões, atual Escola de Comunicações, passou por um árduo período de preparação de especialistas destinados à FEB, nos anos de 1943 e 1944. Na Divisão de Rádio e Reparações funcionaram cursos de radioperadores e reparadores, enquanto na Divisão de Linhas e Telefonia funcionaram cursos de sargentos de transmissões, de telefonistas e telegrafistas, de instaladores de linha e telefonistas e, ainda, de exploração.

Além dos especialistas em transmissões recrutados no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, outros o foram, em unidades de algumas regiões do País. Foi o caso da 2ª Companhia Independente de Transmissões, hoje 14ª Companhia de Comunicações, sediada em Campo Grande, que forneceu elementos à unidade expedicionária do 9º Batalhão de Engenharia, de Aquidauana.

Eis algumas palavras, vibrantes de entusiasmo, do comandante dessa Companhia, capitão Luiz de Paula Pessoa, sobre o fato: *"... Durante sua existência, a Companhia tem dado ao Exército Nacional uma plêiade de reservistas instruídos e capazes de dar o melhor de seu esforço, o melhor de sua cooperação técnica, nas lides cruentas da guerra... Enquadradas no período intensivo de instruções do ano de 1943, duas turmas de candidatos a cabos e uma turma de candidatos a sargentos, receberam ensinamentos militares especializados e prestam hoje seu concurso na Companhia e em outras unidades do nosso Exército. Muitos deles foram transferidos para o 9º BE, onde farão parte do primeiro Corpo Expedicionário Brasileiro, sublime mercê com que foram agraciados."*

As Transmissões Durante a Guerra

A DIE, enquadrada no V Exército dos Estados Unidos, teve como destino a península itálica,

onde os alemães exerciam amplo domínio, desde o afastamento de Mussolini.

Em 1944, quando os primeiros brasileiros aportaram em Nápoles, os alemães defendiam uma linha de fortificações nos Apeninos, a Linha Gótica, destinada a barrar as tropas Aliadas na direção do Rio Pó e, em última análise, da própria Alemanha (Figura 1).

Os 239 dias de operação da FEB constaram, resumidamente, de três períodos. O primeiro, ainda com um efetivo reduzido, com o Destacamento FEB no vale do Rio Serchio, a oeste da península. O segundo, numa frente mais perigosa e ativa, no vale do Rio Reno, à leste, quando a DIE foi empregada na árdua missão de garantir uma das rotas para Bolonha, chave do sistema defensivo alemão. Finalmente, a ofensiva da Primavera, encerrada com a rendição alemã, em 2 de maio de 1945 (Figura 2).

Pode-se dizer que as transmissões brasileiras ganharam credibilidade somente durante a guerra, já que antes eram acanhadas e pobres, funcionando com bastante deficiência. Suas fracas atuações, em tempo de paz tornavam céticos todos que a presenciavam.

Na Campanha da Itália, dotados de meios modernos e abundantes, pelos Estados Unidos, os soldados de transmissões reverteram o quadro anterior. A 1ª Companhia de Transmissões tinha como dotação 72 telefones, oito telégrafos e oito equipamentos rádio, sendo que, no total, a DIE possuía 736 telefones, 38 telégrafos e 592 equipamentos rádio, incluindo os de maior alcance.

Os combatentes de transmissões mais se destacaram, na sofrida defensiva de inverno, no vale do Rio Reno. Nesse período, as redes telefônicas e telegráficas atingiram grandes proporções, ligando as peças da Divisão, dispersas em uma frente da ordem de 20 km.

Os construtores de linha trabalharam sem descanso, com abnegação e heroísmo. O tenente-coronel Manoel Thomaz Castelo Branco, oficial de Transmissões do Regimento Sampaio durante

a guerra, relata: "Mal as centrais acusavam o rompimento de um circuito, rápido uma equipe de reparação composta, em geral, de um cabo e dois soldados, saía campo afora, a pé ou num jipe, freqüentemente debaixo de fogo inimigo, a consertá-lo, com rapidez e entusiasmo contagiantes, porque sabia que dezenas de homens aguardavam, aflitos, nos abrigos, o seu restabelecimento".

No campo de radiocomunicação, registra-se a ligação ininterrupta Brasil-Itália, de grande valor psicológico, que o Serviço de Rádio do Exército estabeleceu com a FEB. Através dessa ligação, o combatente podia entrar em contato com seus familiares, no Brasil.

As redes de rádio de campanha também atuaram com deficiência, embora se observe que as medidas de segurança nem sempre tenham sido tomadas, em função, talvez, da falta de preocupação com as atividades de rádio-escuta e radiogoniometria do inimigo.

No mundo, a técnica da radiocomunicação foi muito aperfeiçoada, durante a guerra, com o aumento da potência e do rendimento dos equipamentos. Essa modernização permitiu, entre outras coisas, a eficiência das operações combinadas, com forças de terra, mar e ar.

Já o Exército Brasileiro teve, com a FEB, a primeira oportunidade de travar contato com equipamentos mais direcionais, em VHF/FM. Foi um grande salto para as transmissões brasileiras.

Por outro lado, com o largo emprego do rádio durante o conflito, difundiu-se amplamente o uso de criptógrafos. A DIE era dotada de 55 criptógrafos, sendo nove orgânicos da Companhia de Transmissões.

Outro meio de comunicações, o teletipo, também foi largamente usado e com grande rendimento durante a guerra, no âmbito das grandes unidades. A FEB seguiu para a Itália com a dotação de quatro teletipos, a cargo da Companhia de Transmissões.

A Importância das Transmissões

Aquilata-se a importância do papel desempenhado pelas transmissões na Itália através das seguintes palavras, proferidas pelo general João Baptista Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, em sua ordem do dia 15 de fevereiro de 1945: "Em nenhuma ocasião, o Comandante da FEB deixou de transmitir as suas ordens ou de receber as informações dos escalões subordinados, por falta de meios. De dia ou noite, em situações de calma ou de combate, as Transmissões têm estado à altura de sua importante missão. Nos corpos-de-tropa ou no órgão divisionário, todos os homens se mantêm vigilantes porque sabem que um descuido seu, uma demora na comunicação da precisa informação ou da ordem de combate, pode levar a conseqüências funestas.

"Desde os chefes responsáveis pelo funcionamento do conjunto até os técnicos que mantêm o material em forma, desde o construtor de linhas que, na lama, na neve, nas estradas, nas montanhas, sob o bombardeio dos morteiros da Artilharia, leva o fio que manterá a ligação, até o homem que permanece nas centrais, todos telefonistas, mensageiros ou rádio-operadores, todos vós impusestes a gratidão do comandante da FEB".

As Transmissões e a Segurança Nacional

A indiscrição das transmissões rádio já direcionava os países desenvolvidos, desde muito tempo, a aperfeiçoarem medidas no campo de uma nascente Guerra Eletrônica. Sobre a implantação desta nova atividade no Brasil, fruto das observações durante a 2ª GM, afirmou Lyra Tavares: "A experiência da guerra pelo que pessoalmente verificamos na direção da censura postal e telegráfica atribuída ao Estado-Maior da FEB, no interior, revelou graves deficiências do controle de nosso Sistema de Comunicações, cuja base reside, ao lado de medidas de ordem policial, no aparelhamento e funcionamento

efetivo, desde o tempo da paz, de um adequado serviço de rádio-escuta e de radiogoniometria. Esse serviço se torna, aliás, indispensável para a vigilância, polícia e disciplina das radiocomunicações, no território nacional, a que somos obrigados, não só por imposições da Segurança Nacional, como pela observância das prescrições de convênios internacionais, sobretudo no que se refere às faixas de frequências estipuladas”.

Ainda sobre o aspecto de Segurança Nacional, a 2ª GM mostrou também a importância da fabricação, pelo próprio Exército, de pelo menos parte do seu material de transmissões, em razão da deficiência apresentada pela indústria civil no setor.

Nesse contexto, em 1944, foram aprovadas as instruções provisórias para o funcionamento da Fábrica de Material de Transmissões, criada em 1941. Entre outras missões, competia ao estabelecimento fabricar material, de acordo com suas possibilidades industriais e orçamentárias, bem como acompanhar a evolução técnica das transmissões, a fim de introduzir nos seus produtos e processos de fabricação os aperfeiçoamentos e melhoramentos nela fundamentados. Sobre o assunto, analisou Lyra Tavares: “A segunda Guerra acarretou, para as nossas comunicações militares, a necessidade de um esforço muito grande e decidido, que constituiu missão a ser compartilhada, em estreita ligação, pelas nossas Forças Armadas e pela indústria nacional, missão a que elas nunca deixaram de dar o maior estímulo e a imprescindível assistência. O próprio Exército procura modernizar não apenas a sua instrução e a sua organização, no que respeite às comunicações, como sua própria indústria, para o papel de pioneirismo e de elemento de estímulo, que lhe cumpre desempenhar com relação às atividades da indústria civil de Comunicações...”

A Aspiração pela Emancipação

Ao final da guerra, o peso das transmissões no combate moderno tinha ganho dimensões extraordinárias. Em termos de organização militar, as Transmissões já eram independentes nos exércitos mais desenvolvidos, destacando-se o Signal Corps, nos Estados Unidos, o British Royal Corps of Signals, na Grã-Bretanha, e o German Nachrichtentruppe, na Alemanha.

Desde então, o Signal Corps passou a ser o inspirador maior da determinação de muitos militares brasileiros em separar a especialidade de transmissões da Arma de Engenharia.

São do major Alfredo Malan, um dos grandes pioneiros da emancipação das Transmissões brasileiras, estas veementes palavras: “As Transmissões só têm tido prejuízos em fazer parte da Engenharia; como uma de suas múltiplas atividades, elas sofrem naturalmente, na atenção que lhes dispensam, a deficiência conseqüente da diluição da atenção geral repartida por toda a Arma... Embora se trate de uma das especialidades da Arma de Engenharia, o interesse dispensado às demais não traz reflexos de qualquer natureza sobre a sua instrução, seus métodos ou sobre o seu material. Enquanto as outras especialidades, formando um todo — a Engenharia — colhem benefícios do que for estudado e assentado em relação a cada uma delas, as Transmissões têm formado na realidade, um “corpo estranho que já exige, por isso mesmo e num primeiro passo, a sua independência total.”

Muitos anos, no entanto, ainda se passaram até a criação da Arma de Comunicações, através da Lei nº 2.851, de 25 de agosto de 1956, data do aniversário do Duque de Caxias, o introdutor do telégrafo em campanha, no Brasil.

Bibliografia

- BANDEIRA DEMELLO, Willy Moreira. *As Telecomunicações no Brasil*. ECEME, 1983.
- BOLETINS DO EXÉRCITO, *Imprensa Militar*, 1909/45.
- BRASIL. Ministério do Exército. Academia Militar das Agulhas Negras. *História da Doutrina Militar (da Antiguidade à II GM)*. 1979.
- _____. *História Militar do Brasil*. 1979, 2v.
- _____. *História da Arma de Comunicações*.
- BRASIL. Ministério do Exército. Estado-Maior do Exército. *História do Estado-Maior do Exército*. Biblioteca do Exército, 1984.
- _____. *História do Exército Brasileiro*. 1972, 3v.
- CARVALHO, Affonso de. *Caxias*. Biblioteca do Exército, 1976.
- CASTELOBRANCO, Manoel Thomaz. *O Brasil na II Grande Guerra*. Biblioteca do Exército, 1960.
- CORRÊA DE OLIVEIRA, Humberto José. *Comunicações Rádio em VHF/FM-Dependências e Uso Abusivo*. A Defesa Nacional, nº 750/1990.
- COSTA, Octávio. *Trinta Anos Depois da Volta*. Biblioteca do Exército, 1976.
- FIALHO, Adalardo. *Emprego Tático do Batalhão de Transmissões*. Biblioteca Militar, 1945.
- FIGUEIREDO, Lima. *Instrução de Transmissões*. Biblioteca da Cultura Militar, 1937.
- ILHA, Clóvis Pinto. *Rumos para a Evolução do SRMEx*. ECEME.
- LYRA TAVARES, Aurélio de. *História da Arma de Engenharia*. Biblioteca Militar, 1942.
- _____. *Telecomunicações e Segurança Nacional*. EGGCF, 1959.
- _____. *Vilagrã Cabrita e a Engenharia Militar de seu Tempo*. Biblioteca do Exército, 1981.
- MAGALHÃES, Amílcar Botelho de. *A Obra Cíclopica do General Rondon*. Biblioteca do Exército, 1956.
- MAGALHÃES, João Baptista. *A Evolução Militar do Brasil*. Biblioteca do Exército, 1958.
- MASCARENHAS DE MORAES, João Baptista. *Memórias*. Biblioteca do Exército, 1984, 2v.
- MATTA, Arnaldo Augusto da. *O Corpo de Transmissões do Exército Brasileiro*. Gráfica Editora Aurora, 1946.
- MEIRA MATTOS, Carlos de. *O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua Época*. Biblioteca do Exército, 1983, 2v.
- PILLAR, Olyntho. *Os Patronos das Forças Armadas*. Biblioteca do Exército, 1981.
- RELATÓRIO DO MINISTRO DA GUERRA. *Imprensa do Estado-Maior do Exército*, 1937.
- RELATÓRIOS DO MINISTRO DA GUERRA. *Imprensa Militar*, 1920/2 e 1938/40.
- RELATÓRIO DO MINISTRO DA GUERRA. *Imprensa Nacional*, 1907/9.
- REZENDE, Ney Riopardense. *As Telecomunicações no Brasil*. ECEME, 1988.
- SENA, Davis Ribeiro de. *A Tríplice Aliança e a Estratégia Brasileira*. A Defesa Nacional, nº 728/1986.
- _____. *A Criação da Arma de Engenharia e demais Reformas de 1888*. *Revista do Exército Brasileiro*, nº 124/1987.
- PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. *A Campanha Sertanista de Rondon*. A Defesa Nacional, nº 738/1988.
- TASSO FRAGOSO, Augusto. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Biblioteca do Exército, 1956/60, 5v.



Ten Cel Com QEMA ANTÔNIO SÉRGIO GEROMEL — É da Turma de 1974 da AMAN e diplomou-se pela ECEME, em 1990. Exerceu as funções de Instrutor da EsSa e comandou a 14ª Cia Com (Campo Grande — MS). Serviu, ainda, no PqDepMatComEIt e na DTelecom. Atualmente é instrutor da EsAO.